

# A COMIDA RECRIADA PELA LITERATURA PORTUGUESA: ENTREVISTA A CARLOS REIS<sup>1</sup>

*Dalva Calvão*  
(*Universidade Federal Fluminense*)

*Monica Figueiredo*  
(*Universidade Federal do Rio de Janeiro*)

---

**1. Dalva Calvão e Monica Figueiredo:** Massimo Montanari – em seu livro *A fome e a abundância: História da alimentação na Europa* – mostra como a comida definiu grande parte da história inscrita pelo homem. Oscilando entre abundância e escassez, o alimento sempre esteve presente no imaginário sociocultural dos povos, definindo papéis sociais, separando classes, tornando-se, enfim, objeto de desejo que muito fez *sonhar*. Partindo da análise da realidade medieval, o autor afirma: “Quanto ao mundo dos camponeses e da “pobreza”, que os monges afirmavam querer tomar como exemplo para o próprio estilo de vida, estejamos certos de que partilhava os valores da cultura nobiliárquica mais dos que os valores monásticos: a pobreza, os camponeses a teriam, com prazer, dispensado. Diferente dos nobres, não lhes era permitido comer muito; mas não podemos pensar que isto não estivesse entre seus desejos. A comilança, talvez, limitavam-se a sonhá-la (mais tarde, a literatura nos deixará extraordinários testemunhos do imaginário popular, projetados nos países fabulosos da Cocalha); ou ainda a praticavam, ocasionalmente, em certas festas ou ocasiões especiais. Mas era idêntica a perspectiva cultural e psicológica: a perspectiva de um mundo que não podemos conceber como sempre atormentado pela fome; mas pelo *medo* da fome sim: e nada melhor do que esse medo convida a consumir com sofreguidão, quando há o que comer.”<sup>2</sup> (MONTANARI, 2003, p. 39)

Para o Professor, a comida pode de fato gerar uma “história” da qual a literatura portuguesa, tão afeita ao discurso historiográfico, se pode valer?

**Carlos Reis:** Sem dúvida. Penso até que seria possível escrever uma espécie de história da literatura portuguesa regida pela presença da comida e das suas variações e contextos (jantares, ceias, alimentos, indigestões, etc.). Um pouco a exemplo do que tem sido feito pela chamada *nova história*. E isto porque muitas vezes a comida é, como bem se sabe, semantizada e investida de marcas sociais. Quer dizer: não aparece por acaso, como mero elemento decorativo, mas sim como elemento adjuvante de ações narrativas e dramáticas. E assim, quando no final do *Auto da Índia* de Gil Vidente uma personagem (a Ama) ordena a outra (a Moça) que vá “muito asinha saltando” buscar vinho “e a metade dum cabritinho”, não está em causa apenas a preparação de uma refeição; trata-se também de afastar uma presença incómoda (a própria Moça, que pode denunciar a Ama, perante o Marido regressado da Índia), ao mesmo tempo que se faculta indiretamente uma informação acerca de hábitos alimentares no início do século XVI. Do mesmo modo, a canela de que fala Sá de Miranda na carta a António Pereira não é tão-só um tempero exótico: mais do que isso, ela é metonímia de ambição, riqueza fácil e despovoamento do campo. Lembro o texto: “temo-me de Lisboa/ que, ao cheiro desta canela,/ o Reino nos despova”.

**2. DC e MF:** O Professor concorda que, na literatura portuguesa, a imagem do alimento é inegavelmente recorrente, tanto no Realismo quanto no Neorrealismo?

**CR:** A imagem do alimento é recorrente, em particular quando a literatura se envolve em projetos de representação de comportamentos sociais. Nesse sentido, pode até dizer-se que a alimentação se “ideologiza”. É o que acontece nos jantares, nos chás e nas ceias dos romances realistas do século XIX, em relatos de Camilo, de Júlio Dinis ou de Eça de Queirós; neste último caso, é toda uma sociabilidade ligada às refeições que está em causa, sendo possível até fazer o elenco de comidas e de bebidas que comparecem na ficção queirosiana (a esse trabalho consagrou-se Dário Castro Alves). Mas para além da enumeração dos alimentos, o que importa é o que certos pratos e certos vinhos significam, no contexto em que se encontram: o *poulet aux champignons* e o Bordeaux Saint-Émilion que são servidos durante o jantar do Hotel Central, n’*Os Maias*, contrastam, enquanto produtos de uma cultura afrancesada, com os arroubos patrióticos que ali se exibem.

**3. DC e MF:** Em sua opinião, como é que a literatura de intenção realista é capaz de transformar uma imagem concreta como a da comida em metáfora, gerando produção de sentidos importantes para a interpretação da obra? Por exemplo: em que medida a famosa “canja” oferecida a um civilizado Jacinto no alto das serras portuguesas (em *A Cidade e as Serras*) ultrapassa a condição de alimento para atingir a de quase um gozo?

**CR:** Continuo no mesmo registro. No caso d' *A Cidade e as Serras*, parece evidente que a canja (e o arroz de favas e o vinho da quinta) interage dialeticamente com o que se comia e bebia no palacete parisiense de Jacinto. Neste caso, a sofisticada civilização mundana (que a alimentação também ilustrava) confina e mescla-se até com o crescente tédio de uma personagem que, no seu dia a dia, não dispensava uma caricata diversidade de águas engarrafadas, cada qual com a sua função, nem o éter que apurava o gosto das laranjas (“faz aflorar a alma das frutas...”). A isto reage Zé Fernandes, o homem das serras, com mal disfarçada ironia: “E, descendo os Campos Elísios, encolhido no paletó, a cogitar neste prato simbólico, considerava a rudeza e o atolado atraso da minha Guiães, onde desde séculos a alma das laranjas permanece ignorada e desaproveitada dentro dos gomos sumarentos, por todos aqueles pomares que ensombram e perfumam o vale, da Roqueirinha a Sandofim!”

**4. DC e MF:** A literatura portuguesa parece ter sido privilegiada pelas imagens do alimento. No entanto, podemos também afirmar que, desde a Idade Média, encontramos com relevância a presença de imagens opostas às da saciedade ou da abundância. O Professor concorda que a fome e a escassez também são imagens contundentes na literatura portuguesa?

**CR:** Se em vários momentos (longos momentos) da sua história a literatura portuguesa pôde ser um testemunho da vida social e econômica – testemunho que, naturalmente, cultivou a linguagem da ficcionalidade, das representações metafóricas e das construções simbólicas –, então ela confrontou-se com o que durante muito tempo foi a sociedade portuguesa: uma sociedade pobre, rural, atrasada e periférica em relação aos grandes centros de difusão cultural da Europa. E sendo assim, entende-se que a fome ou a rudeza simples dos escassos alimentos traduzam muito do que era a sociedade portuguesa. Nela e na literatura que a modelizou ficcionalmente encontra-se o porco e os seus derivados, os poucos produtos da horta doméstica, o peixe seco e as batatas (logo que estas chegaram, trazidas da América do Sul), mas não os pratos sofisticados que a culinária francesa impôs como epítome do luxo e do bom gosto.

**5. DC e MF:** Como é que o Professor vê esta relação entre literatura e comida na produção literária portuguesa contemporânea? Em tempos pós-modernos, a comida ainda é capaz de gerar literatura?

**CR:** À medida que a fome vai deixando, por assim dizer, de ser notícia é menos provável que a comida e a sua elaboração constituam temas literários importantes. Ou então isso acontece por derivação metonímica. Por exemplo: n' *O Delfim*, de José Cardoso Pires, o ritual da caça e os patos abatidos nela não se associam diretamente à necessidade da alimentação, mas a outros e mais sinuosos sentidos que a lagoa e os que a habitam

sugerem. E no *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago, a luta pela sobrevivência não se desencadeia diretamente por causa da falta de comida, mas antes por um misteriosa *cegueira branca* que desata toda a oculta crueldade de que a condição humana é capaz.

## NOTAS

1 Professor catedrático da Universidade de Coimbra. Ex-Diretor da Biblioteca Nacional de Lisboa. Pesquisador renomado da obra de Eça de Queirós. Crítico, ensaísta, autor de obras de referência na área de estudos de literatura portuguesa e de narratologia.

2 MONTANARI, Massimo. *A fome e a abundância: História da alimentação na Europa*. Florianópolis: EDUSC, 2003.